

RAIZES ABERTAS

"O Brasil é racista", diz Dodô da Portela

Iracema Dantas,
Marcelo Carvalho,
Elaine Ramos,
do Ibase

Aos 84 anos, Dodô foi escolhida pela diretoria da escola de Oswaldo Cruz para ser a madrinha da bateria, substituindo a apresentadora de TV Adriane Galisteu. Nesta entrevista, ela percorre a trajetória da escola, berço de Paulinho da Viola, Monarco, Natal e Paulo da Portela, rejuvenesce o Rio de Janeiro e diz: "Quando um negro entra para um departamento, mesmo que saiba mais que os brancos, quem fica é o branco; o negro sai."

O Rio de Janeiro não seria o mesmo sem alguns de seus ícones. Contar a história de um deles é recriar a cidade, é acrescentar um pouco mais de vida à heróica cidade de São Sebastião. Conversar com Dodô da Portela é percorrer a trajetória da escola, berço de Paulinho da Viola, Monarco, Natal e Paulo da Portela, é rejuvenescer o Rio de Janeiro.

Dodô foi escolhida pela diretoria da escola de Oswaldo Cruz para ser a madrinha da bateria, substituindo a apresentadora de TV Adriane Galisteu. Significaria uma volta às raízes no carnaval carioca? O tempo dirá.

Maria das Dores Rodrigues, seu verdadeiro nome, foi porta-bandeira no primeiro campeonato da Portela em 1935, função que exerceu até 1966. É muito querida na escola. Conversar com ela na quadra é tarefa quase impossível, a todo momento é interrompida por alguém que a saúda, pedindo a bênção. A memória de Dodô não se restringe à Portela. De Barra Mansa – sua cidade natal – ao Rio, conta com desenvoltura como era sua vida no interior, sua chegada ao bairro carioca da Saúde, o período Getúlio Vargas etc. E um pouco do difícil cotidiano da cidade hoje.

IbaseNet – Há quanto tempo mora na cidade do Rio?

Dodô da Portela – Tenho 84 anos e moro na Saúde há 80 anos. Sou de Barra Mansa, vim para cá com 4 anos, com a mamãe, seis irmãos e mais três sobrinhos que a mamãe criava. Fomos direto para a Saúde, onde moramos em um quarto de um beco. Mamãe veio para o Rio porque em Barra Mansa não tinha emprego para os rapazes.

IbaseNet – E seu pai?

Dodô da Portela – Papai nunca morou no Rio, vinha de oito em oito dias. Ele ficou em Barra Mansa. A família do meu pai era melhorada; da minha mãe, não. Ele trabalhava na estrada de ferro e também era comissário de polícia. Ele podia dar ordem de prisão; se tivesse uma briga ou qualquer coisa, ele podia prender. Achavam que a gente era rica. Por causa disso, eu e meus irmãos não ganhávamos nada no colégio, nem merenda, nem uniforme. Nossa casa em Barra Mansa, mamãe dizia, era enorme: tínhamos nossos quartos e duas salas. Quando inventaram o gramofone, meu pai comprou logo. Só rico tinha gramofone, e meu pai comprou para a minha mãe. Tudo de melhor o meu pai dava para ela. Mas, depois, meu pai começou nas andanças dele e minha mãe teve que virar lavadeira.

IbaseNet – Eles se separaram?

Dodô da Portela – Não, nunca se separaram. Minha mãe, dona Otília, era de igreja. Olha a minha casa, cheia de santo... Lá na Portela quem cuida de santo sou eu. Meu pai, seu Tibúrcio, era de baile. Puxei aos dois, né?

IbaseNet – Sua mãe era religiosa, católica, e seu pai era boêmio?

Dodô da Portela – Isso mesmo. Para meu pai, mulher tinha que ter as cadeiras largas. Minha mãe falava que, por isso, ele corria atrás das andanças. O meu pai que abriu o primeiro clube de baile, de gafeira, lá em Barra Mansa. O nome era Pensão, de frente ao Jardim Macaco.

Meu pai era um negro bonito à beça. Não faltava mulher para ele, mas faltavam as coisas pra gente; foi assim que a mamãe virou lavadeira.

Não tenho nenhum retrato dele na parede porque eu era tão apegada que prefiro nem ficar olhando... A mesma coisa é com minha mãe e com meu crioulo, meu marido: tenho fotos, mas não boto na parede. Sempre fui muito ligada à família. Todo final de ano vou para Aparecida, como ia antes com minha mãe.

IbaseNet – A senhora ainda vai a Barra Mansa?

Dodô da Portela – Sempre vou. Batizei uma escola de samba lá, tenho parentes que ainda moram na cidade. A casa onde a gente morava ainda existe. Está escrito até hoje: Vila Otília.

IbaseNet – Voltando à época que a senhora chegou ao Rio, como era a vida?

Dodô da Portela – Para mim, estava tudo bom, eu era criança. Mas lembro que, aqui na Saúde, era bem diferente. Se chegasse uma criança perto de um malandro quando ele estava trabalhando – porque pra ele era trabalho –, ele ralhava com ela e mandava chamar o pai. Quando o pai vinha, perguntava: "Por que deixou seu filho por aí?". Se aparecesse uma menina grávida e a mãe dela falasse que o rapaz não queria casar, a coisa complicava: era "ou casa ou morre". A lei era assim. Agora, com o dinheiro, tudo mudou. Mudou muito. Naquela época, não tinha tanta violência. Hoje, tem tanta criança pequena envolvida...

IbaseNet – Mas nem a polícia era violenta?

Dodô da Portela – A polícia não subia o morro; era tudo mais calmo. Agora, os policiais acham que é só no morro que tem violência. E é aqui que eles vêm procurar. Esquecem que lá embaixo também tem violência. Fui criada aqui e via que um tomava conta do outro direitinho. Havia respeito entre nós. Tinha muita festa; era raro o sábado em que não havia um casamento!

Depois, fui crescendo e comecei a entender um pouco mais do lugar onde vivia. Foi aqui no Rio que tirei meus documentos. Minha carteira tem a assinatura do Getúlio Vargas. Quando ele entrou no poder, mamãe tirou nossas carteiras para a gente poder trabalhar. Me lembro de que, quando o Getúlio veio para o poder, foi uma fofoca danada.

Diziam até que ele tinha vindo a cavalo, mas eu não acredito. Foi nessa época que fui para a Portela.

IbaseNet – E como foi sua ida para a Portela?

Dodô da Portela – Eu trabalhava como empacotadora em uma fábrica de cartonagem na Visconde da Gávea, 121. Tinha uns 13 para 14 anos. Lá também trabalhava a Dora, que era a rainha da Portela na época. Antigamente, as escolas de samba tinham um concurso para escolher a rainha e também a princesa; era uma forma de angariar dinheiro com a venda dos votos. Na hora do almoço, só dava Portela! E quem não era portelense virava por causa da Dora! As moças que trabalhavam lá cantavam sambas da Portela, uma batucava na mesa, umas começavam a sapatear, outras dançavam. Eu, que já gostava, passei a adorar.

E isso era todo dia: batendo aqui, cantando lá... O patrão vinha de pontinha de pé nas escadas para ver e ralhar com a gente. Quando uma escutava e sentava, todo mundo sentava. Quando ele chegava ao sobrado, não tinha mais barulho. Aí ele olhava e dava aquele sorriso. Sabia que a gente só estava sentada por causa dele. Quando ele descia, começava o batuque de novo... Eu não batucava nada, só dançava.

Eu trabalhava de guarda-pó, mas, na hora do almoço, tirava o avental, colocava no cabo da vassoura e começava a rodar. A Dora começou a dizer que eu levava jeito para porta-bandeira. Mas foi só com 15 anos que eu fui à Portela. A Dora disse que a porta-bandeira estava faltando e me levou à quadra. Foi quando eu conheci o Paulo da Portela. Quando cheguei lá, o Paulo logo disse: "Ela é muito criança, não pode sair". Não podia mesmo, mas eu fui a primeira menor a sair numa escola de samba.

IbaseNet – Mas ninguém sabia da sua idade?

Dodô da Portela – Desfilei a primeira vez em 1935. É só fazer as contas... Ele aumentou minha idade para o juiz de menor; disse que eu tinha 19 anos.

IbaseNet – O Paulo da Portela

Dodô da Portela – Ele mesmo. Mas, antes, ele disse ao seu Antônio, que era o mestre-sala da Portela: "Veja se essa menina dá para porta-bandeira". Fomos para a rua ensaiar na mesma hora. Rapidinho, seu Antônio me explicou o que eu tinha que fazer a cada sinal: quando jogava o lenço para cima, quando esticava a mão, quando pedia minha mão – até hoje é tudo na base dos sinais. Quando acabamos o ensaio, seu Antônio me levou de volta ao Paulo da Portela e disse: "Essa menina vai ser uma grande porta-bandeira".

Na época, a Portela não tinha uma quadra tão grande como hoje; era a Portelinha: uma casa de família que só dava mesmo para guardar os instrumentos da bateria e os troféus. A gente nem podia sambar ali, a gente ensaiava na rua.

IbaseNet – Onde?

Dodô da Portela – Na Estrada do Portela, em Madureira. Começava 8 horas da noite e acabava meia-noite. Em dia de ensaio, eu saía do trabalho e ia para casa me arrumar e encontrar com minha mãe. Era ela quem me levava para a Portela porque eu era menor e, naquela época, menor não andava sozinho na rua, senão a polícia levava. Mas, antes de ir para a Portela, a gente rezava o terço. Eu fazia tudo rápido e dizia para a mamãe: "Já estou com o terço na mão". Se eu rezasse sozinha, ela sabia que eu ia pular alguma coisa. Depois da reza, a gente pegava o bonde, saltava em Madureira e andava até a Portelinha.

IbaseNet – O fato de ser tão jovem não fez com que sua família tentasse impedir sua entrada na escola?

Dodô da Portela – Até que não, mas minha mãe sempre ia junto. Mas eu tinha que rezar o terço antes! Acho que vem daí esse meu gosto pelos santos. Nisso puxei à mamãe. Mas já disse que também saí ao papai: minha canela não pode ouvir um samba. Eu sempre dizia que o culpado era o papai. Sou mesmo uma mistura do meu pai e da minha mãe. Sempre gostei de ir a bailes; minhas irmãs nunca foram desse

jeito. E eu enterrei todo mundo e ainda estou aqui! Às vezes, fico pensando: "Será que tenho mesmo 84 anos?". Eu até olho os documentos para ver se tenho mesmo essa idade toda. Todo mundo diz que não parece. Eu vejo senhoras que dizem ter 70 anos e nunca saem dos 70! Muita gente mente a idade...

IbaseNet – Que outras lembranças a senhora tem do Paulo da Portela?

Dodô da Portela – Ele foi o primeiro sambista que viajou para fora do país. Nessas viagens, ele levava o nome da Portela. Quando ele chegava, já vinha com o samba pronto para a escola. Enquanto ele não chegava, a gente ensaiava com sambas de outros compositores. Mas o Paulo sempre chegava e concorria com o samba dele. Mas, em certo ano, ele estava em São Paulo e, quando chegou, a gente já estava na Central indo para a Praça Onze desfilar, já era carnaval! Ele ensinou o samba para as pastoras ali mesmo, só que elas não entenderam o samba direito. No refrão a gente tinha que falar "glória pra justiça". Só que, na hora, saiu "pau na justiça"! As pastoras com alegorias de carabina, ajoelhadas e apontando para a comissão julgadora dizendo: "pau na justiça"! Ficamos em sexto lugar! Foi uma briga danada!

IbaseNet – Que ano foi isso?

Dodô da Portela – Não sei, não me lembro. Mas lembro que foi por causa disso que o Paulo deixou a Portela. Na verdade, tiraram ele. Não podiam fazer uma coisa dessas com o fundador da escola! Até diziam que ele podia continuar indo à Portela, mas seus companheiros não podiam entrar. Isso levou ele à morte. Antigamente, as escolas de samba eram muito rigorosas.

IbaseNet – E ele continuou freqüentando a Portela?

Dodô da Portela – Não, ele foi para a Lira do Amor; quando morreu, não estava na Portela. Mas, no enterro dele, eu estava lá segurando a bandeira da nossa escola.

IbaseNet – Na época do Paulo da Portela, a escola não tinha nenhum tipo de patrono?

Dodô da Portela – O que tinha era o Livro de Ouro, onde as pessoas assinavam suas doações. O dinheiro arrecadado era para fazer os carros alegóricos e vestir a bateria. Porta-bandeira e mestre-sala se vestiam por conta própria.

IbaseNet – Como foi a emoção do primeiro desfile, em 1935?

Dodô da Portela – Eu, com 84 anos, sei lá como fiquei naquele dia! Acho que foi muito grande, que eu me lembre; e ninguém me tira esse prazer porque eu dei essa vitória à Portela. Nenhuma escola tinha ganho na Praça Onze, e eu, no meu primeiro desfile como porta-bandeira, dei esse título à Portela. Foi o meu ponto que fez a Portela desempatar com a Mangueira.

E não tinha essa história de escolinha, era com a gente mesmo. Em dias que não tinha ensaio na escola, quando eu chegava em casa a mamãe até escondia as vassouras. Eu enrolava um pano no cabo e rodava! Haja espelho e lâmpada! Mamãe ficava tiririca...

Na Portela, sempre foi tudo muito emocionante... A cada novo campeonato, os compositores me carregavam no colo. O resultado era na hora e os jurados não ficavam longe como hoje. Eles olhavam e pegavam na bandeira, botavam a mão na roupa da porta-bandeira e do mestre-sala, olhavam toda a nossa elegância. Nós dois não podíamos de jeito nenhum dar as costas para os jurados, a gente tinha que dançar olhando e sorrindo para eles. Hoje, tem mestre-sala e porta-bandeira que só rodam e nem sabem por que estão rodando... A verdadeira rodada da porta-bandeira, três para direita e três para esquerda, só quem faz sou eu e a Vilma, ninguém mais faz. A maioria só faz aquele pião, não acompanha nem a bateria. Era muito mais bonita uma dança de porta-bandeira e mestre-sala. Os mestres-salas de agora gostam de pular. Os únicos que ainda fazem da maneira antiga são o Peninha, da Estácio, e o Chiquinho, da Imperatriz Leopoldinense. No meu tempo, a gente ia e voltava; agora, é tudo correndo. Mas isso é por causa do relógio também. O próprio pessoal da harmonia manda a escola correr.

IbaseNet – Que outras mudanças ocorreram nas escolas de samba?

Dodô da Portela – A ala das baianas! Antigamente, iam para a ala das baianas as senhoras que não podiam sair em alas, não tinham mais pique. Agora, a ala está cheia de meninas novas, que só querem sair de baiana para não pagar a fantasia. Como é que essas senhoras estão se sentindo? Com 65 anos, já são cortadas. Não me conformo de ver uma senhora se queixando que foi cortada da ala das baianas. Na Portela, elas vão para a minha boutique falar sobre isso. Sou do tempo em que as baianas eram as senhoras da escola. Era uma ginga diferente. Agora, os diretores querem que as baianas suspendam os pés. Baiana não suspende o pé, por isso se usava chinelo. Hoje estão desfilando até de sandálias.

IbaseNet – Mas, apesar disso, a senhora nem pensa em deixar a escola.

Dodô da Portela – Eu vou deixar por quê? Já estou velha, vou deixar por que se eu gosto da Portela? Lá todos me respeitam.

IbaseNet – Quem é a melhor porta-bandeira da atualidade?

Dodô da Portela – Na minha opinião, são várias: a Maria Helena, da Imperatriz, a Selminha, da Beija-flor. E tem também a Mariazinha, que era da Vila Isabel; mas ela está cega, não dança mais.

IbaseNet – A senhora desfilou a vida inteira só pela Portela. Mas, nos carnavais atuais, mestre-sala e porta-bandeira mudam bastante de escola, não?

Dodô da Portela – Sim, mas antigamente não tinha dinheiro, agora tem. Agora é outro departamento. Eu não ganhava dinheiro nem para fazer minha roupa, minha roupa era feita com o dinheiro do meu trabalho.

IbaseNet – A senhora nunca ganhou dinheiro com o samba?

Dodô da Portela – Não, até agora. Tenho uma boutique lá na quadra que seu Carlinhos [Carlinhos Maracanã, presidente da Portela] mandou fazer pra mim. É só. Pode perguntar a qualquer pessoa. Para mim, ter essa boutique na quadra da Portela é um troféu, o troféu de que eu gosto mais.

IbaseNet – A senhora tem aposentadoria também?

Dodô da Portela – Tenho! E eu não trabalhava? Quando me casei, meu crioulo queria me tirar do emprego, mas eu já tinha muito tempo de serviço. Conversei, levei ele; sabe como é, mulher leva o homem. Eu fiquei e me aposentei; tenho a minha aposentadoria e tenho a pensão dele.

IbaseNet – Seu marido também tentou tirá-la da escola?

Dodô da Portela – Quando éramos noivos, meu crioulo até me levava. Ele trabalhava no cais e já me conheceu como porta-bandeira. Ele dizia para mim: "Não sei se eu trabalho hoje". Eu dizia: "Te espero até 9 horas. Se não vier, eu vou sair". Nunca enganei. Ele sabia. Mas, depois que casamos, não sei o que deu nele, e ele não queria mais que eu fosse. Ele foi até fazer queixa para minha mãe e meu pai. Um dia meu pai chegou e falou: "Dodô, deixa a bandeira". Eu disse: "Deixo não". E nunca deixei.

IbaseNet – Ele era do samba?

Dodô da Portela – Era! Era mangueirense. Nós nos conhecemos num baile lá no Irajá; eu tinha 20 e poucos anos; era muito bonita. Eu gostava muito de ir aos bailes...

IbaseNet – Era ciúme então?

Dodô da Portela – Ciúme nada; não queria mesmo, só isso. Depois desistiu.

IbaseNet – Naquela época não era tão comum uma jovem ir sozinha a bailes, não? O que as pessoas falavam?

Dodô da Portela – Ninguém falava nada. Ou eu não prestava atenção. Eu queria mesmo era dançar, gostava de ir à Elite [tradicional gafieira do Centro do Rio]. Entrava em qualquer gafieira. Usava sapato alto e minha roupa não era uma roupa comum; quem é de escola de samba se veste diferente pra ir ao baile.

IbaseNet – A senhora tem filhos(as)?

Dodô da Portela – Criei uma sobrinha porque a mãe dela morreu de parto, era minha irmã. Mas filho meu, não tive. Acho que por causa da Portela.

IbaseNet – Como a senhora se tornou madrinha da bateria?

Dodô da Portela – Nem sei direito como foi! Só sei que recebi um telefonema do Marquinhos, assessor do seu Carlinhos, dizendo: "Vou te falar uma surpresa, a senhora agora é madrinha da bateria". Eu falei: "Você não sabe que eu tenho mais de 80 anos? Sou velha, como você fica dizendo que sou madrinha de bateria?". Claro que eu pensei que ele estava caçoando de mim. Todo mundo sabe que as madrinhas de bateria são modelos, meninas novas. Antigamente, era diferente, mas madrinha de bateria nunca foi velha.

IbaseNet – Como era antigamente?

Dodô da Portela – Era uma menina do local, da escola, mas era uma menina nova. Só que ela não vinha nua; aliás, nem passista vinha nua. Mas depois resolveram tirar as meninas da escola e botar modelo.

IbaseNet – O que a senhora acha disso?

Dodô da Portela – Para mim, tem que ser menina da escola. Mas a verdade é que tiraram quase toda a gente da escola. Até para subir no carro tem que ser menina bonita, modelo. A única escola que não tem muito essa diferença é a Beija-Flor. A Mangueira também valoriza muito as pessoas do local; tanto que, para ser porta-bandeira ou mestre-sala, tem que morar lá no morro.

IbaseNet – A senhora vai sozinha na frente da bateria?

Dodô da Portela – Iremos eu e a rainha, uma menina da comunidade.

IbaseNet – E a senhora acha que essa atitude da Portela pode significar uma volta às origens da escola?

Dodô da Portela – Pode ser um exemplo para as outras escolas. Sou uma das mais velhas do samba. Vocês já viram uma mulher de 84 anos na escola de samba se rebolando? É difícil! Na bateria é só homem, com uma senhora é mais respeito, eles não vão me dizer piada, eles não vão me agarrar. É outro respeito, lá todo mundo me chama de madrinha.

IbaseNet – A senhora é muitíssimo admirada e respeitada no mundo do samba. Mas, fora dele, já houve algum fato que a discriminasse por ser mulher e negra?

Dodô da Portela – Quando os desfiles de escola de samba começaram, os brancos não se metiam. As mães nem deixavam que as meninas brancas falassem com a gente, não podiam nem encostar. Mulher de samba, mulher de gafeira e mulher que trabalhava na fábrica não prestava! Eu fazia isso tudo... E me casei direitinho. Mas a idéia era que a gente não prestava. Lembro de uma música que diz: quando uma escola de samba passa, parece até que sacudiu um pé de jamelão; só preto. Mas, mesmo nessa época, branco namorava negra. Não casava, mas namorava. Até hoje não mudou muito, né?

IbaseNet – Mas, pessoalmente, já sentiu algum tipo de discriminação?

Dodô da Portela – Em lugar nenhum. Se eu sei que em alguns lugares eu não vou ser bem recebida, por que iria? Sou muito assim.

IbaseNet – Quais seriam esses lugares?

Dodô da Portela – Antigamente, por exemplo, o único clube de futebol onde entrava preto era o Vasco. No Fluminense, no Flamengo, no Botafogo, nesses clubes só entrava pra jogar. Não podia fazer outra coisa. Então, o que eu iria fazer lá? Para levar um não? Não sou melhor do que ninguém, mas ninguém faz pouco caso de mim; é ruim de fazer!

IbaseNet – A senhora acompanhou a discussão sobre as cotas para alunos(as) negros(as)?

Dodô da Portela – Claro! Todo mundo tem que ter direito a estudar, mas depende de outras coisas. Lembro que, lá em Barra Mansa, tinha

um rapaz negro que estudou, fez faculdade. Ele, apesar de toda a separação que existe, foi em frente e se formou médico, um médico muito bom. Mas é raro. Quando um negro entra para um departamento, mesmo que saiba mais que os brancos, quem fica é o branco; o negro sai.

IbaseNet – E por que o negro sai?

Dodô da Portela – Porque é preto! Já viu preto mandar em branco? Já viu branco aceitar isso? É difícil para um preto!

Eu conheço a mãe do Edson Santos [vereador pelo PT-RJ], a dona Elza. Ela já desfilou comigo na Ala das Damas do Samba e sempre diz que ele apanhou muito porque, quando era estudante, só andava no meio dos brancos fazendo política. Ela não queria que nenhum branco fizesse pouco caso dele. Eu digo para a Elza: "O seu filho ainda vai ser presidente". Ele luta bastante pelos negros, tanto que já foi até candidato a senador. Ele perdeu voto para o pessoal da Bíblia, mas tomara que seja presidente um dia.

IbaseNet – Então, a senhora acha que o Brasil é um país racista?

Dodô da Portela – É racista, sim. Não era pra ser, porque está cheio de crioulo aqui, mas é. Até os americanos dizem que no Brasil não tem branco! Mesmo nas famílias de branquinhos – assim, igual a vocês – tem um preto lá no fundo do baú. A verdade é essa, mas quem é que vai dizer? Todo mundo sempre está querendo clarear...

E que negócio é esse de falar que o Brasil foi descoberto pelos brancos? Descobriu nada, tinha terra e tinha índio! A nossa língua é guarani, é de índio, não é o português.

IbaseNet – Algumas igrejas evangélicas têm ido ao sambódromo em grandes evangelizações. O que a senhora pensa disso?

Dodô da Portela – Esse negócio de dizer que eles estão salvos e a gente não me deixa danada. Quando vejo sambista deixando o samba e entrando pra Igreja, digo logo: é dinheiro, é dinheiro! E ainda tem gente que larga de comprar um pão para levar dinheiro para a Igreja.

Veja só: tem um programa que passa depois da meia-noite, com uma loura, que tem cada coisa... Ela diz que é evangélica... Ah, cai fora! Pelo menos os católicos dão esmola, eles não dão nada... Por isso, eu digo: "Deixa eu assim mesmo", né, São Sebastião?

A primeira vez que desfilei foi em 1935, como porta bandeira a convite de Paulo da Portela. Eu tinha 15 anos e logo no meu primeiro desfile já trouxe o campeonato pra casa! E agora, nesse primeiro ano como Madrinha de Bateria também quero trazer o título pra quadra.

Dona Dodô, da Portela: Meu pai era. Eu nasci em Barra Mansa, meu pai foi o primeiro a botar um bloco na rua, uma escola de samba. Mas a gente não podia nem chegar perto, que ele não deixava. A minha mãe era da irmandade Sagrado Coração de Jesus, a gente ia pra igreja.

Maria das Dores Alves Rodrigues, a **Dodô da Portela**, hoje com 83, jamais imaginaria que nessa altura da vida fosse convidada para ser madrinha de bateria.
